

DESCONSTRUINDO OS PARADIGMAS RELACIONAIS

Alda Fernandes

(resumo da palestra realizada no encontro de casais realizado em Angra dos Reis em 2010)



Muito se fala sobre relacionamentos, em artigos, livros, estudos, pesquisas. Parece ser um assunto inesgotável, todavia, sempre há o que se acrescentar, seja uma opinião, uma experiência, uma percepção. Gostaria de forma muito objetiva propor o desafio de desconstruir alguns paradigmas relacionais. Paradigma é um termo que se origina do grego significando modelo ou padrão, como normas ou conceitos, através das quais o indivíduo deve se basear.

O primeiro paradigma é a indissolubilidade do casamento. O número crescente de divórcios, que segundo o IBGE tiveram um crescimento de mais de 200% de 1984 a 2008, mostram que esse padrão do casamento absoluto está se desmantelando. A maioria das pessoas tem um caso de divórcio na família ou no seu círculo social mais próximo. O divórcio não implica necessariamente no fracasso de um relacionamento mas no limite do mesmo, ou seja, a relação alcançou seu prazo de validade ou chegou ao seu limite. Por outro lado, vários divórcios acontecem por causas superficiais, banalizando o comprometimento e a construção sócio-emocional das relações.

O segundo paradigma é que a felicidade pode até passar pela relação conjugal, mas não tem sua fonte nela. Pessoas que se casam buscando encontrar no casamento a felicidade almejada tem maiores chances de se decepcionar. Ninguém pode ser responsável pela realização ou plenitude do outro. É o simbólico de Eva sendo tirada da costela de Adão, uma projeção psicológica do outro quando o indivíduo deixa de ser quem é e se busca na imagem idealizada do parceiro. Esse processo pode levar a relação ao fracasso, à frustração ou a opressão. A busca da felicidade é individual cuja mina só pode brotar no cerne do indivíduo. Não se trata de um recurso exterior mas interior.

O terceiro paradigma consiste no fato de que um evento ou uma certidão de casamento não garante a estabilidade da relação. Casamento não implica em segurança. “agora não fico mais só, agora tenho alguém pra cuidar de mim”. A relação é uma via de mão dupla muito mais de cumplicidade do que de compromisso. O casamento é um terreno instável demandando uma dinâmica constante. A crença, “o que Deus uniu ninguém pode separar”, esta sendo contestada no dia a dia.

No quarto paradigma constatamos que relação não é um fim em si mesmo. É necessário um processo diário de manutenção e investimento. O mesmo processo que aconteceu no período da conquista deve ser desenvolvido na construção da relação. Trata-se de um investimento contínuo que a cada fase da vida se apresenta com novos desafios, novos prazeres, novas realizações.

O quinto paradigma é que o amor impera na relação conjugal. O amor romântico não se mantém, pelo contrário, é engolido pela rotina e preocupações diárias. O surto da paixão motivada pela própria projeção fantasiosa no outro se esfacela com o tempo e é esmagado pela realidade. O amor maduro se estabelece nas atitudes, nas escolhas, na afinidade e adaptação de dois seres, que se misturam sem deixar de ser quem são; se respeitam, sem abrir mão do que acreditam; se apoiam; se ajudam; se levantam juntos. Sem atitude o amor é apenas uma palavra, um jargão.